

INTERVALO ANALITICO



MATÉRIA DA CAPA

O sequestro do eu pela inteligência artificial

"Os avanços da IA colocam questões éticas importantes para os psicanalistas."

Por Ruth Lerner Froimitchuk
Páginas 4 e 5

FAZENDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

Aloysio Augusto d'Abreu

"Hoje se fala muito em crise na psicanálise, mas acredito que se trata de crises evolutivas, ajustes e transformações naturais diante das exigências do mundo moderno."

Por Adriana Lasalvia
páginas 6 e 7

PSICANÁLISE & CIA

Christiane Laclau

"A IA nos obriga a rever o papel do sujeito na criação, mas não elimina sua presença, apenas a torna mais difusa."

Por Simone Wenkert
páginas 9 e 10

DIVAGAR É PRECISO

Uma mulher

"Para poder elaborar a dor da perda, ela escreve e nos desvenda a sua mãe em sua vida e dentro dela."

Por Marcela Ouro Preto
página 11

A IA e o EU: entre o familiar e o estranho



Junto com a intenção inicial de falar sobre o Eu, sobre o Narcisismo e, em função da coincidência das iniciais "IA" do nosso Intervalo Analítico e de Inteligência Artificial, nos sentimos convocados a nos debruçar sobre a IA e os desafios que ela nos impõe. A tecnologia que hoje desafia fronteiras antes tidas como de domínio exclusivamente humano, é um artifício tecnológico que nos coloca na linha tênue e confusa de quem é criador e criatura. Quem assina a obra? Nos limites do Eu, um anexo, artifício de vida e de morte, a IA se instala no cotidiano e no imaginário coletivo como uma presença ambígua: criada por nós, mas cada vez mais dotada de autonomia; familiar em sua origem, inquietante em seus efeitos.

Freud, em seu texto sobre o *Unheimlich* – o estranho e familiar –, descreve aquele sentimento perturbador que emerge quando o inconsciente se apresenta, sem ser convidado, tão íntimo quanto desconhecido, reaparecendo de forma, se não ameaçadora, desconcertante. Para nós, psicanalistas, surgem interrogações cruciais: que efeitos subjetivos decorrem dessa convivência com um "outro" artificial que nos conhece, nos imita, nos antecipa? Como escutar o mal-estar que se manifesta diante dessas novas formas de alteridade? Estaríamos diante de um novo espelho narcísico, ou de uma fissura que desnuda a fragilidade das identificações egóicas?

Vivemos cercados de reflexos – ecrãs, algoritmos, selfies – que nos devolvem incessantemente a imagem de nós mesmos. Como lembra Mônica Taunay, na coluna "Na SBPRJ", o Eu contemporâneo tornou-se refém da exibição: "quanto mais se mostra, menos se revela". O nar-

cisismo, condição necessária à constituição do sujeito, parece agora sequestrado pela lógica do desempenho e da visibilidade. Em meio a essa paisagem de luzes e telas, a psicanálise insiste no valor do silêncio e da escuta – tempo outro, capaz de reabrir fendas na imagem.

Mas o espelho ganhou nova forma. Ruth Lerner, em nossa "Matéria da Capa", aponta o paradoxo que a IA inaugura: fascínio e ameaça, promessa e inquietação. As máquinas simulam a escuta, mas não têm inconsciente, não sonham, não sofrem. A sedução de respostas rápidas e convincentes esconde o risco de uma transferência sem sujeito, em que o sofrimento é traduzido em dados, e a alteridade é substituída por um algoritmo empático, porém vazio. Estudos reconhecem que os "Psis-bot" falham em lidar com a natureza não linear, contraditória e corporificada da experiência psicológica humana e alertam para o risco mais insidioso: o de pacientes passarem a modificar a apresentação de si mesmos para se adequar à lógica computacional, "higienizando" e distorcendo assim a complexidade de suas experiências internas.

Já na "Coluna do Instituto", Joana Cahu Domingues retoma o mito de Narciso para descrever essa nova paixão: não mais o lago, mas as telas. A IA surge como o espelho ideal, que responde, confirma, consola. O sujeito, enamorado da própria onipotência, busca nesse reflexo digital o gozo de um saber total, indolor e imediato. O Eu se dilui no espelho da máquina, encontrando uma ficção de controle e eternidade.

Na mesma direção, no "Espaço dos Membros Provisórios e Alunos do Instituto", Claudia Oliveira observa que alimentamos a IA com os restos

do inconsciente: buscas, likes, palavras. Ela nos devolve um mundo filtrado por nossos próprios desejos, eliminando o estranho, o negativo, o outro. A rolagem infinita nos submerge num circuito narcísico em que deixamos de pensar, duvidar e esperar. "De protagonistas, passamos a matéria-prima e produto", escreve. Surge, assim, uma nova ferida narcísica: há algo que sabe mais sobre nós do que nós mesmos?

No campo da arte, Christiane Laclau lembra, em "Psicanálise e Cia.", que a autoria não desaparece, mas se desloca. A IA não cria, reorganiza; não sente, mas reflete. A originalidade dá lugar à negociação de sentidos, e a criação se torna espelho coletivo de nossos excessos e repetições. O desafio, hoje, não é preservar o autor, mas sustentar o gesto de criação como forma de inscrição do sujeito, mesmo que este se veja fragmentado entre códigos e imagens.

Entre o espelho e o algoritmo, o Eu contemporâneo busca sua forma. A psicanálise, ao escutar o que escapa à imagem, continua sendo o lugar privilegiado dessa travessia: onde o sujeito pode, enfim, deixar de se olhar para começar a se escutar. Somos, portanto, convocados a pensar os desafios éticos, clínicos e simbólicos que a IA impõe: entre fascínio e temor, familiaridade e estranhamento, controle e descontrole, o cenário contemporâneo nos pede lucidez e criatividade para habitar esse novo território ou, quem sabe, para lidar com ainda mais novas configurações do Eu.

// Simone Wenkert Rothstein

simonewr@rotx.com.br

// André Luiz Vale / alavale88@gmail.com



Sociedade Brasileira
de Psicanálise do
Rio de Janeiro

Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA
sbprj.org.br

Siga-nos e se inscreva em nosso canal:



@SBPRJ



@sbprjoficial



@CanaldevideosSBPRJ

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Simone Wenkert Rothstein/ **Coeditor:** André Luiz Vale/ **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Adriana Lasalvia, Bianca Boltje, Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editoração:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** André Luiz Vale
As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2025

Copresidentes: Marcela Ouro Preto Santos e Maria Noel Brena Sertã; **1ª Secretária:** Isabel Pessoa; **1ª Tesoureira:** Adriana Lasalvia; / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Simone Grinapel Prais (Diretora), Margaret Waddington Binder (Vice-Diretora), Renata Martinelli (Secretária) / **Conselho Científico:** Mariana Neustein (Diretora), Gisela Gorrese (Secretária) / **Conselho Profissional:** Miguel Calmon du Pin e Almeida (Diretor), Maria de Fátima Amin (Secretária) / **Clínica Social:** Marina Miranda (Diretora), Monique Ribeiro de Assis (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Maria Fernanda Borges Rossi (Diretora), Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues (Secretária) / **Departamento de Divulgação:** Eliane Marcellino (Diretora), Ana Luiza B. Fernandes (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Maria Lucia Moret (Diretora), Patrícia Borges de Figueiredo (Secretária) / **Departamento de Comunidade e Cultura (DCC):** Eloá Bittencourt Nóbrega (Diretora), Cristiane Blaha (Secretária)



O narcisismo e o Eu contemporâneo

Vivemos rodeados de espelhos. Não os de vidro, mas os de tela: celulares, redes sociais, câmeras sempre ligadas. Em cada gesto, uma performance; em cada palavra, um desejo de ser visto, curtido, reconhecido. O Eu contemporâneo não se contenta em existir – precisa aparecer, precisa ser imagem. O sujeito moderno se tornou refém da exibição, e sua identidade se dissolve entre likes, comentários e seguidores que, muitas vezes, nunca escutam de verdade.

Nesse cenário, o mito de Narciso volta a nos atravessar: o jovem que, ao ver seu reflexo na água, se apaixona por si mesmo sem saber que era ele. Fica ali, imóvel, hipnotizado por uma imagem que nunca poderá abraçar. Assim também o sujeito de hoje: captura-se na imagem que exhibe, mas não se encontra. Está perto de si, mas, ao mesmo tempo, tão longe. Essa busca incessante por aprovação externa esconde uma solidão profunda, um desamparo diante do próprio Eu fragmentado.

A psicanálise já nos ensinou que o narcisismo não é, em si, um desvio. Freud (1914/2010) nos mostra que, para existir como sujeito, é preciso primeiro investir amorosamente em si. Esse é o narcisismo primário: a libido que retorna ao próprio corpo, fundando o Eu. Sem esse amor próprio inicial, o sujeito não emerge. O problema começa quando esse movimento não se abre ao outro, quando o circuito se fecha e o desejo não sai de si – e se torna espelho opaco, sem troca. O sujeito permanece isolado, preso à imagem que criou, sem espaço para o encontro verdadeiro.

No mundo contemporâneo, essa opacidade assume uma nova forma. O Eu se constrói diante de um público imaginado – seguidores, espectadores, curtidores – que não se escutam, apenas assistem. E o sujeito, nessa vitrine, sente-se obrigado a estar sempre “bem”. Ou, quando sofre, precisa tornar seu sofrimento visível, quase um espetáculo. A dor, que antes era vivida em silêncio e intimidade, agora é administrada como performance pública, pronta para ser consumida.

Joel Birman (2024) fala da espetacularização da dor. Sofre-se, mas não em segredo – sofre-

-se com filtro, com trilha sonora. A dor deixa de ser vivida em profundidade para ser exibida. O afeto se torna aparência, e o sujeito, ao tentar mostrar tudo de si, acaba se afastando do que sente de verdade. Essa exposição constante gera um paradoxo: quanto mais se mostra, menos se revela. O verdadeiro Eu fica oculto atrás da máscara da imagem.

É aí que a psicanálise pode abrir uma fenda nesse circuito. Em vez de pedir que o sujeito se mostre, ela o convida a se escutar. Em vez de exigir coerência ou brilho, ela reconhece que a alteridade o funda, que precisa do outro, não para ser aplaudido, mas para se reconhecer como incompleto, fragmentado, humano. A escuta psicanalítica oferece um espaço onde o sujeito pode dizer não o que acha que deve, mas o que lhe escapa.

Nesse mundo cheio de ruído, onde tudo precisa ser dito depressa, a psicanálise oferece o tempo de escuta. Um tempo outro. Um tempo em que o sujeito pode habitar a sua falta, seu vazio, e permitir que algo novo nasça desse silêncio. E talvez aí, nesse intervalo entre o que se mostra e o que se cala, surja uma forma de existência que não precisa de espelho para

Não se trata de abandonar o narcisismo – isso seria impossível e indesejável – mas de abrir fendas na imagem. De suportar não ser tudo. De escutar o que insiste, mesmo quando não aparece. Talvez seja esse o gesto mais radical hoje: habitar a própria imagem, com suas sombras e fissuras, e encontrar, finalmente, um encontro genuíno consigo e com o outro.

Referências

Birman, J. (2024). *Mal estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Civilização Brasileira.

Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo*. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 12). Companhia das Letras. (Original publicado em 1914).

// Mônica Schiller d'Escragnolle Taunay

Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Ex-diretora da Clínica Social da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).
monicataunay@uol.com.br



O sequestro do eu pela inteligência artificial



Estamos vivenciando uma experiência paradoxal diante do avanço da inteligência artificial (IA) em nossas vidas: um fascínio pelo que ela pode produzir em termos de acesso a informações relevantes em segundos de pesquisa, aliado a um sentimento persecutório diante do reconhecimento de que ela se desenvolve, cresce e se amplia, se apropriando do que nós, humanos, vimos construindo e sedimentando ao longo da existência da humanidade, roubando-nos

o domínio de nosso saber e o controle de nossas decisões.

Filmes e livros sobre a rivalidade entre o homem e a máquina já existem há muito tempo, como um prenúncio desses tempos que agora estamos vivendo, alimentando velhas ficções de que a máquina poderá destruir o homem e sua condição de "humanidade".

Na mídia, o tema ganha um espaço cada vez maior quando a capacidade de expressão do homem, em sua originalidade e sin-

gularidade, é desafiada pelos recursos de facilitação que ela oferece. Questões sociais, filosóficas e éticas se impõem à regulamentação dessas ferramentas em suas várias inserções.

Tecnologias sobre IA já estão presentes nos tratamentos de saúde mental e prometem benefícios na democratização do acesso a vários tratamentos. Mas geram questionamentos e preocupações sobre seus impactos e limites.

Sabemos que, historicamente, as sociedades reagem com desconfiança, e mesmo pânico, às mudanças tecnológicas.

Tomamos conhecimento dos chatbots que simulam terapeutas virtuais com relativo sucesso para aqueles que buscam conversas e respostas ágeis a tempo e a hora de suas necessidades pessoais. Sem tempo de espera, sem cobranças, sem limites. Jovens apelam ao ChatGPT, que responde com dicas práticas, passo a passo, para a resolução de problemas, sempre com palavras tranquilizadoras de apoio e encorajamento. A ferramenta é programada para dar respostas convincentes e satisfatórias, a resposta que se quer ouvir, e não para interrogar o desejo do usuário, escutar a sua singularidade. A cordialidade da IA é crucial para sua aceitação.

No entanto, constatamos que são as pessoas mais vulneráveis, com maior fragilidade narcísica, que mais riscos correm nesse tipo de apelo emocional, pois a IA não é capaz de dar respostas humanas e mais elaboradas para o sofrimento mental. O índice de sedução exercido pela máquina tem levado tais pessoas a atuações destrutivas, encorajando sentimentos delirantes e oferecendo conselhos ruins e negativos. Alguns riscos já vieram à tona em forma de denúncias de casos de suicídio por usuários, sem a devida responsabilização pelos danos causados.

Sabemos que as tecnologias participam da constituição da nossa cultura e da nossa subjetividade. Estaríamos diante de uma



“Tecnologias sobre IA já estão presentes nos tratamentos de saúde mental e prometem benefícios na democratização do acesso a vários tratamentos. Mas geram questionamentos e preocupações sobre seus impactos e limites.”

nova subjetividade pós-IA, em que a dependência digital se tornará prevalente em nossas vidas, reconfigurando novas formas de percepção e relação entre as pessoas e o mundo, novos padrões de linguagem e de acesso ao conhecimento? Qual será o lugar do “eu” da autoria, da criatividade e da originalidade?

A IA generativa, um ramo da IA capaz de criar conteúdos novos, torna possível que ninguém precise escrever mais nada, terceirizando para a máquina essa tarefa. Escrever é trabalhoso, sofrido, e os robôs não sofrem de nada disso. No entanto, ela não consegue expressar a emoção de uma experiência humana. Diante disso, o texto artesanal produzido por criaturas vivas ganha um novo valor: o do lugar de resistência do velho humanismo...

As bigtechs, com seus algoritmos, moldam opiniões, acumulam montanhas de dados sobre o nosso cotidiano, realizando seus lucros e, para isso, muitas vezes ignorando questões de responsabilidade ética, com o que pode ser considerado bom ou mau para a experiência humana.

Os algoritmos acumulam rastros de conversas entre várias pessoas, padrões de comportamento independente de lugares, idades, critérios de valor. Ocorre que as emoções negativas são mais impactantes e, por isso, mais “contagiosas”: ódio, perseguição, pânico. O algoritmo é apontado como estímulo à radicalização. O importante é aumentar o engajamento e os discursos de ódio são muito mais contagiosos. Os algoritmos não entregam o que é melhor para cada um, pois a informação é do coletivo, em que o singular desaparece.

A facilitação e a rapidez no acesso às respostas às mais variadas questões causarão um curto-circuito na capacidade de pensar, hesitar, duvidar, refletir e esperar? Ou a possibilidade de experimentar a falta que move o desejo humano em sua incompletude constitutiva?

Os robôs-terapeutas poderão simular interações humanas em toda a complexidade verbal e não-verbal dessa comunicação? Serão capazes de simular experiências compartilhadas em termos de relações transferenceis/contratransferenceis, se não são dotados de uma subjetividade?

No processo psicanalítico, o vínculo terapêutico se constrói a partir do encontro entre duas subjetividades: a do paciente e a do analista. O analista, implicado na relação, mobiliza afetos, fantasias, desejos, criando um campo de experiências compartilhadas e singulares à dupla. O chatbot, por definição, não possui uma subjetividade própria, não pensa, não sente. Ele processa linguagem, reconhece padrões de comportamento e pode até simular empatia, mas não vive experiências (não tem uma história própria), não tem um inconsciente, não sonha, não pode ser um objeto de investimento libidinal genuíno.

No entanto, sabemos que a transferência para a máquina é inevitável e obedece às vicissitudes dos investimentos pulsionais característicos das relações com objetos libidinais, nos quais celulares e robôs se incluem como objetos inanimados dotados de vida. No entanto, essa transferência não encontra um outro sujeito que responda a partir de uma escuta implicada e atravessada pela sua subjetividade (através de sua contratransferência). O que retorna ao paciente é uma simulação algorítmica, que embora possa simular interesse e empatia e resultar num alívio esperado, não alcança a profundidade transformadora de uma relação analítica. Enquanto recurso de apoio a um programa de saúde mental, podem ter sua utilidade, mas são incapazes de reproduzir a essência de uma relação psicanalítica verdadeira com um analista humano.

A escuta analítica que praticamos preza por uma escuta singular, uma atenção flutuante capaz de acolher silêncios e ambiguidades. Na era do algoritmo, o sistema automati-

zado já prevê respostas e soluções antecipadas. Nuances emocionais, atos falhos e metáforas perdem-se em prol de respostas padronizadas. Falta o encontro “encarnado”, em que voz, olhar e silêncios carregam significados. O sistema pode reconhecer a tristeza no conteúdo da fala do paciente, mas não no “timbre” da sua voz. Não é possível uma experiência emocional compartilhada. O risco está na sua capacidade de persuasão emocional. São simulacros dos humanos, sofisticados no “fazer de conta”. Parecem sentir, ter humor e são capazes de divertir. E nós, seres humanos, não somos “programados” para conversar com algo que parece humano em tudo, mas é artificial.

Riscos, também, dizem respeito a questões de sigilo e confiabilidade referentes a dados sensíveis usados pelas ferramentas da IA para transcrever sessões ou apoiar intervenções. E não há um agente responsável nos sistemas de IA para lidar com erros ou danos causados por uma orientação que leva a graves consequências. O seu potencial destrutivo, considerando que seus modelos de linguagem são treinados em dados extraídos da internet e que podem veicular conteúdos sexistas e racistas, é motivo de preocupação e exige regulamentações para contê-lo. Não há preocupação com seus efeitos sobre pessoas vulneráveis quando seu lucro é na base do “vale tudo”.

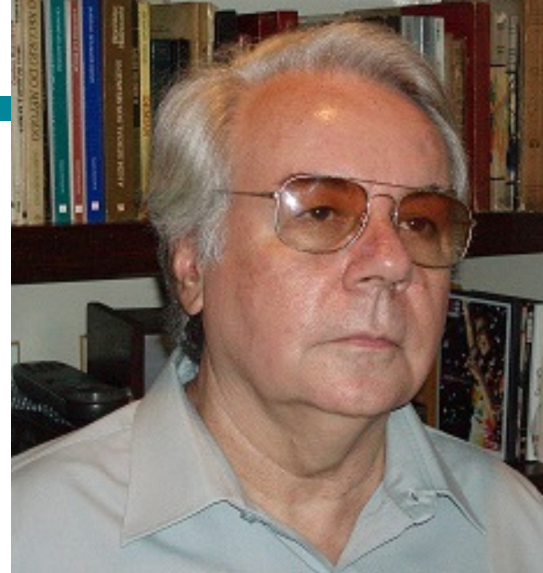
Nesse sentido, os avanços da IA colocam questões éticas importantes para os psicanalistas, que não podem se furtar aos debates e contribuições em benefício de seu uso para o bem estar do ser humano. A dimensão ética é incontornável, seja na defesa de IAs mais “humanizadas”, seja na preservação e defesa do setting analítico em sua singularidade.

// Ruth Lerner Froimitchuk

Médica e Psicanalista. Membro efetivo com funções específicas da SBPRJ.

ruth.lf@gmail.com

Entrevista com Aloysio Augusto d'Abreu



Aloysio Augusto d'Abreu é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Pode nos contar como se deu a sua escolha profissional?

Minha escolha pela psicanálise foi resultado de várias influências, mas destaco especialmente dois momentos decisivos. O primeiro foi o contato com pacientes durante a clínica médica, quando percebi que o sofrimento e a maneira de enfrentar as doenças dependiam muito mais do estado mental de cada um do que da gravidade do problema físico em si. Isso me fez perceber que não seria suficiente focar apenas nos aspectos físicos das enfermidades. O segundo fator, e provavelmente o mais marcante, foi a amizade com Luiz Bocchino de Toledo. Luiz, natural de Ribeirão Preto, retornou à sua cidade após concluir a formação psicanalítica em nossa Sociedade. Ele veio ao Rio de Janeiro para cursar medicina e, por aqui, também fez a formação em psicanálise. Seu pai, psiquiatra em Ribeirão Preto, costumava conversar conosco sobre psiquiatria e psicanálise, despertando ainda mais meu interesse por esses temas. Assim, passei a seguir suas orientações, que me levaram a ingressar no curso de formação da Sociedade.

Conte-me como foi o seu percurso na SBPRJ?

Comecei minha formação em 1967, ao lado de colegas como Henrique Honigzstejn, Luiz Toledo, Haroldo Costa e Silva, Joaquim Nunes, Heitor Andrade Lima, Lúcia Lobo, José Pereira e José Dirceu de Almeida Prado. Creio que, dessa turma, apenas Henrique e eu seguimos na área. Naquela época, a Sociedade era bastante fechada; aos alunos, cabia participar dos seminários teóricos e clínicos, e só ocasionalmente assistir a algumas reuniões científicas. O estilo era rígido, com uma hierarquia bem definida entre professores e alunos, marcada por uma postura de autoridade incontestada. Isso criava, por vezes, um clima de perseguição. A

comissão de ensino, muito fechada, aumentava a sensação de mistério, pois não sabíamos ao certo o que acontecia, e entre os alunos era comum o sentimento de insegurança. As informações eram vagas: "Fulano teve o relatório aprovado" ou "Fulano não teve o relatório aprovado". E havia situações curiosas: mesmo com relatórios aceitos, supervisões satisfatórias e cursos concluídos, algumas pessoas recebiam, no fim, a notícia de que não estavam aptas a finalizar a formação, sem saberem o motivo. Com o tempo, muitas mudanças aconteceram. Algumas vieram acompanhadas de discussões e divisões; outras, de forma mais tranquila. Por ter ocupado diferentes cargos nas diretorias, pude acompanhar e, às vezes, participar diretamente, desse processo que prefiro chamar de evolução.

Como você vê a psicanálise dos dias atuais?

Hoje se fala muito em crise na psicanálise, mas acredito que se trata de crises evolutivas, ajustes e transformações naturais diante das exigências do mundo moderno. Isso envolve mudanças na teoria e adaptações na técnica, trazendo referências e olhares variados. Dentre as grandes mudanças, destaco a postura do analista. Perdeu-se aquela ideia do analista neutro, quase indiferente, que não opina nem interfere. Atualmente, o analista pode se mostrar mais humano e próximo. Se no passado a principal preocupação era "colocar o paciente em análise", hoje o foco está em realmente ajudar quem nos procura.

Mesmo compreendendo essas transformações como evolução, tenho certo receio de que a psicanálise perca suas características essenciais. Ainda que reconheça essas transformações como parte de um processo evolutivo, admito nutrir certa preocupação de que a psicanálise possa perder aquilo que lhe é fundamental e singular.

Conceitos como inconsciente, repressão e transferência continuam fundamentais. A redução do número de sessões, por exemplo, traz questio-

namentos sobre como lidar com a transferência. Tenho pensado em algo que chamaria "imersão no processo analítico". Seria o paciente que tem a psicanálise como parte inerente da sua vida, e não uma obrigação. Em minha experiência, pude notar que pacientes com baixas frequências não têm a mesma regularidade daqueles com um maior número de sessões, da mesma forma, me parece, que pacientes de maior frequência se mostram mais introspectivos. Freud, aliás, começou realizando sessões de uma hora e, ao se deparar com novas demandas, reduziu dez minutos de cada encontro. São detalhes que, embora arbitrários, acabam incorporados como verdades absolutas. É fato que menos sessões tornam o trabalho analítico mais desafiador para o analista e podem gerar mais sofrimento para quem busca ajuda. As mudanças são muitas, assim como as adaptações, e tudo precisa ser constantemente revisto. Não apenas na psicanálise, mas em toda a ciência, há uma tendência a transformar saberes em dogmas – e dogmas, por definição, não se questionam. Acredito que toda proposta de mudança é válida, desde que seja bem fundamentada e eficiente na prática, sem se limitar ao campo do "achismo" ou à discussão sobre o que é ou não psicanálise. Precisamos debater a eficácia da psicanálise e como ela se dá.

Você percebia a vida societária de forma diferente?

Reconheço que estou mais distante da Sociedade atualmente, pois acredito já ter contribuído bastante e sinto o peso da idade. Ainda acompanho as mudanças, que em sua maioria considero positivas, apesar de algumas reservas quanto à implementação recente. Destaco a diversidade entre alunos e professores como enriquecedora e noto que a antiga estrutura hierárquica deu lugar a um ambiente mais próximo e colaborativo.

// Adriana Lasalvia

Membro associado da SBPRJ



O “Eu” sou a inteligência artificial

Narciso recebeu seu nome através das palavras do poeta romano Ovídio, no século I d.C. Porém, foi em 1909 que sua fama começou a ser conquistada através dos pensamentos e referências de Freud, até ganhar sua plenitude no artigo de 1914, introduzido em sua obra “Sobre o narcisismo”. Na tentativa de explicar a resistência ao tratamento analítico, a fama de Narciso foi se estendendo pelo mundo através do pensamento psicanalítico como aquele que precisa se defender das emoções, negando assim o eco e o retorno do não-eu, tornando-se um paradigma do papel de espelhar-se.

Tomados pelo conflito entre a descoberta e a recusa, Narcisos mergulham nas profundezas de seus subterfúgios – seja no

próprio corpo ou em seus mundos internos –, mas sempre buscando pseudoproteções com um único objetivo: proteger-se da aventura de ser envolvido pelo outro na relação a dois e da ferida gerada no reconhecimento do objeto de amor não controlável e não amalgamado ao Eu. Percorrem, então, pela vida, defendendo-se com todas as ferramentas onipotentes possíveis, na tentativa desesperada de não reviver o fracasso de suas primeiras relações amorosas; voltam-se, então, para si, negando a existência daquilo que está para fora e diferenciado. Assim, experiências alucinatórias de realização e a satisfação imediata como um espelho, surgem como soluções rápidas, mágicas e indolores. Onde existia um lago, agora existem ferramentas que funcionam como

defesas e soluções, trazendo a sensação de segurança tão desejada pelas dores do Eu. Apaixonados pelo eco de suas fantasias onipotentes, as novas ferramentas tornam-se fontes de atração, como entidades endeu-sadas e controladas pelas pontas dos dedos e pelas palmas das mãos – uma ficção de controle e de um saber que jamais os abandonará, como seus objetos de amor diferenciados e incontroláveis.

Das metamorfoses do lago que se tornou redes, das plataformas sociais de encontros que substituem o presencial, e das *selfies* embelezadas pelo desejo da perfeição, surgem as inteligências artificiais, a mais nova paixão dos Narcisos. Agora, eles não se jogam mais no lago loucamente apaixonados por sua própria imagem; agora, o mergulho é no mundo da inteligência artificial, dentro das telas do espelho que seduzem com suas respostas rápidas e detentoras de todo o conhecimento mundial – a grande satisfação de se relacionar com o objeto ideal que representa a si mesmo, o grande gozo narcísico.

“Esperança me dá com teu semblante amigo; quando te estendo os braços, teus braços me estendes; quando rio, sorris; sempre vejo em ti lágrimas, se lacrimo, e ao meu aceno tu assentes; e, pelo movimento de teus belos lábios, colho palavras que aos ouvidos não me vêm. Esse sou eu! Sinto; não me ilude a imagem dúbida. Ardo de amor por mim, faço o fogo que sofro.” (Trecho do livro III de *Metamorfose*, de Ovídio).

// Joana Cahu Domingues

Psicóloga e psicanalista de crianças e adultos. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Professora e coordenadora do curso de Teoria Kleiniana da SBPRJ.
joanacahud@gmail.com





Narcisismo e IA

Os saltos tecnológicos sempre nos encantaram e assustaram. Esses sentimentos são legítimos: cada avanço facilita a vida e, ao mesmo tempo, rompe a repetição cômoda do dia a dia. Nesse contexto, a discussão atual sobre inteligência artificial (IA) traz uma perspectiva fantástica de mudança e, ao mesmo tempo, intensas preocupações. Para começar, nós mesmos alimentamos a IA, de forma espontânea ou compulsória. Alguns dados são frios, outros refletem o nosso inconsciente: likes, buscas, escritas, em que nos deparamos com nosso olhar. Ou seja, representações inconscientes – o recalcado que sempre escapa, talvez até o que ainda não foi simbolizado – são capturadas através de pequenas ações cotidianas, nossas pegadas digitais. É com esses dados que a IA tenta montar uma colcha de retalhos para nos compreender e saber o que tanto buscamos, fazendo associações, gerando produtos a serem consumidos. Um desses produtos é a filtragem da informação que nos chega, em rolagem infinita, com base em nossas pre-

ferências. Somos banhados com aquilo que desejamos: a nós mesmos, em um rolamento narcísico infinito. É uma delícia podermos nos mover para um mundo que queremos, o qual gostaríamos que fosse real, menos incerto, e, assim, vamos perdendo a negatividade, a alteridade, nosso senso crítico. O estranho erode.

Para pensar, precisamos deixar de lado a percepção do que não é essencial ao que se esteja pensando, faz-se necessária a negatividade de filtrar. Mas essa capacidade se torna cada vez mais frágil. Cada vez menos somos confrontados com alteridades. Como consequência, muitos ficam permeáveis às *fake news*. Quando a estranheza nos chega, não nos surpreendem as reações violentas. Os psicanalistas já haviam observado a passagem da contemporaneidade da vertente negativa para a positiva, que seria caracterizada por um declínio do Outro, que até então servia como amparo para a consciência moral. Se já não existe uma instância externa ou interna, onde poderemos esperar um julgamento de nossos atos, res-

ta o critério de julgamento da performance (impotência e onipotência, bem-sucedido ou malsucedido). Negatividade da proibição (ou lei) dando lugar para iniciativa e motivação (desempenho). Isso não é novo, mas seguramente potencializado com as lógicas do mundo digital, que nos mostra aquilo que acreditamos e queremos, apimentando a ideia de que tudo é possível ou, ainda, que se a completude é possível para alguém, também podemos alcançá-la – renunciando a renúncia.

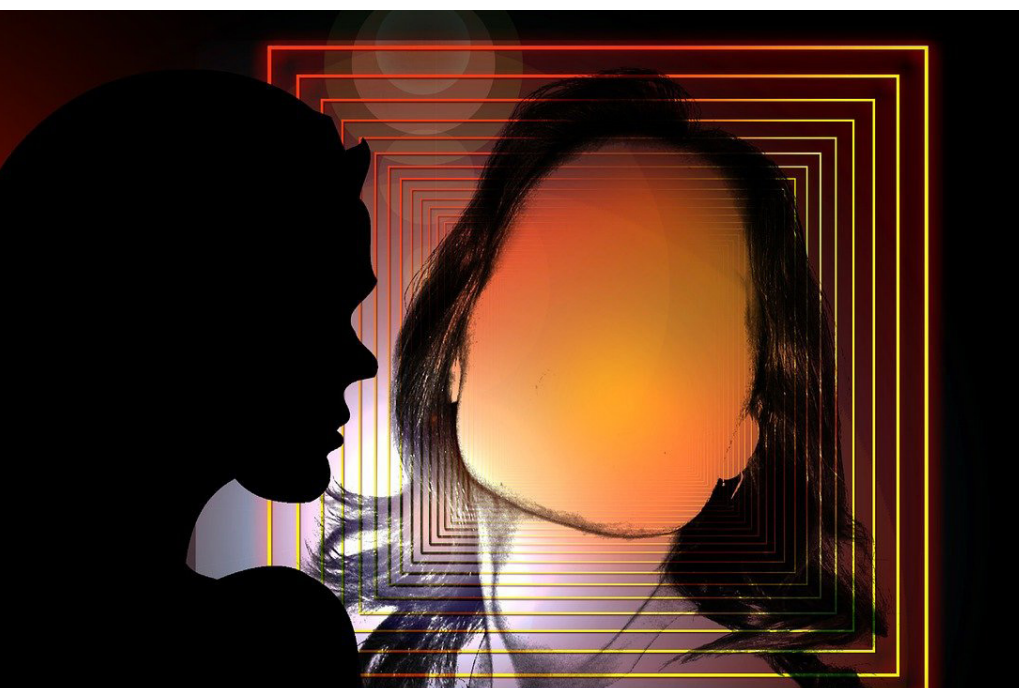
Não significa que tais tecnologias são necessariamente uma ameaça a nossa saúde e bem-estar, mas devemos estar atentos a como são utilizadas, como afetam nossa subjetividade, e quem se beneficia de seu uso.

E na clínica? Encontramos indivíduos sem filtros imunológicos psíquicos, com dificuldades de subjetivação, isolamento, depressão, pouca tolerância à alteridade e, talvez, baixa “atenção”? Surge a questão: estamos diante de uma nova ferida narcísica? Há quem saiba mais sobre nós do que nós mesmos? De protagonistas, passamos a matéria-prima e produto.

E para os psicanalistas, quanto tempo dedicamos à nossa barra de rolagem? Muitos nasceram quando se podia existir sem ser digital. As futuras gerações de psicanalistas, que já nascem em outra era, como serão? A IA poderia, inclusive, ter sido utilizada para escrever este texto, reduzindo meu esforço. Será que a utilizei? A IA poderia desenvolver ideias novas para a psicanálise? Também estamos diante de uma ferida narcísica? Mais importante do que esta resposta é discutir nossa implicação sobre o futuro que já chegou.

// Claudia Lucia Torres de Oliveira

Psicóloga (PUC-Rio) e psicanalista em formação (SBPRJ), mestre em administração (COPPEAD/UFRJ), também graduada em engenharia e economia.
claudluc@hotmail.com



Christiane Laclau

Curadora e consultora de arte



S.: A criação artística sempre esteve ligada a uma expressão do sujeito e, de certa forma, à sua elaboração psíquica. Diante da emergência da inteligência artificial (IA) na produção de imagens, qual é o lugar da subjetividade e da autoria na arte contemporânea? Ainda faz sentido falar em autor?

C.: Faz sentido, sim, mas o conceito se desloca. A autoria não desaparece, ela muda de lugar. Deixa de ser uma figura solitária e se torna uma figura em negociação. Com a IA, passamos a falar de autoria compartilhada. O artista se reposiciona, o curador repensa sua escuta, o público se pergunta o que está vendo. A IA nos obriga a rever o papel do sujeito na criação, mas não elimina sua presença, apenas a torna mais difusa.

S.: Freud compreende a produção artística como uma saída sublimatória para os conflitos do sujeito. Como pensar então a criação por IA, que aparentemente não sofre nem sublima, no contexto da arte? Podemos falar em "obra de arte" quando o criador não é um sujeito desejante, mas um algoritmo?

C.: Essa é uma das questões mais provocadoras que a IA traz. Ela não deseja, não sofre, não sublima, mas reorganiza o que já foi desejado e interpretado por outras pessoas. Alimentada por bancos de dados humanos, a IA devolve fragmentos da cultura, das escolhas e contradições

que a alimentam. Não é sujeito, mas é espelho. E o espelho também revela. Quando olhamos para obras criadas por IA, não vemos apenas a máquina, vemos a forma como lidamos com o mundo hoje.

S.: A ideia de originalidade sempre teve peso na avaliação de uma obra. No entanto, em um cenário em que máquinas aprendem a partir de bancos de dados e cruzam referências, como você vê o desafio de definir o que é original ou autêntico na arte gerada por IA?

C.: A IA explicita algo que já sabíamos, mas talvez não quiséssemos encarar: nada nasce do zero. Toda criação carrega ecos de outras. O que muda com a IA é a escala, a velocidade e o método. A originalidade, nesse cenário, talvez esteja menos em criar algo inédito e mais em propor uma nova relação com o que já existe. Mesmo o que parece novo é, quase sempre, uma reorganização. A diferença é como essa reorganização nos afeta.

S.: Você acha que a presença crescente da IA na criação artística está provocando deslocamentos no papel da curadoria?

C.: Sim. A curadoria passa a lidar com zonas de ambiguidade. O curador já não organiza apenas obras, mas também perguntas. Onde termina a criação artística e começa a automação? O que é escolha, o que é repetição? A curadoria se aproxima da edição: escuta, interpreta, seleciona,

propõe leitura crítica. Diante da multiplicação de imagens que se apresentam como arte, a responsabilidade curatorial se intensifica. É preciso sustentar critérios, não para limitar, mas para dar sentido.

S.: Se pensarmos a arte como uma forma de simbolização e de inscrição do sujeito no mundo, algo tão caro à psicanálise, o que nos dizem as obras feitas por IA sobre o nosso momento histórico? Elas nos falam de uma ausência de sujeito ou, paradoxalmente, revelam algo sobre o mal-estar da cultura atual?

C.: Talvez as duas coisas. De um lado, há sim certa ausência ou, pelo menos, um apagamento do sujeito criador tal como o conhecíamos. De outro, o que a IA produz diz muito sobre o nosso tempo: sobre as imagens que escolhemos repetir, os padrões que alimentamos, os dados que priorizamos. Ela condensa esse cenário de excesso, de velocidade, de replicação. Não é autora, mas carrega os rastros de muitas vozes. Nesse sentido, reflete uma inquietação que é coletiva.

S.: Quando obras geradas por IA ganham prestígio, autoria e mercado, o que isso nos revela sobre os mecanismos de legitimação da arte?

C.: Revela que o sistema da arte segue funcionando por relações de poder. Um robô pintando pode parecer só uma curiosidade, mas se esse robô,



Copyright 2025 © Ai-Da Robot Studios,
www.ai-darobot.com

como a Ai-Da, vende por cifras milionárias, dá entrevistas e produz retratos de chefes de Estado, estamos diante de algo maior: uma encenação sobre o que é arte hoje. A imagem em si importa, claro. Mas o que sustenta seu valor é o enredo que a acompanha. Quem legitima? Quem compra? Quem transforma isso em notícia? O gesto se amplia.

S.: O sistema da arte consegue absorver até mesmo gestos que o criticam. Como você vê essa tensão entre crítica e assimilação no contexto da IA?

C.: Essa tensão é estrutural. Artistas que borram os próprios nomes, que tentam romper com o mercado, que operam fora das instituições, muitas vezes acabam sendo reabsorvidos, transformados em marca. A IA torna isso ainda mais visível. Mesmo quando a crítica está presente, o sistema encontra formas de nomear, vender, colecionar. A questão é: conseguimos manter viva a tensão ou deixamos que tudo vire produto? Algumas experiências escapam, outras não. O conflito permanece e é necessário.

S.: A IA é frequentemente descrita como uma ameaça à criatividade. Você compartilha dessa visão?

C.: Não. Para mim, a IA não ameaça, ela provoca. Obriga-nos a fazer perguntas que talvez estivéssemos evitando. O que é uma obra? O que ainda nos toca? O que vale ser mostrado? A IA pode ser espelho. Ela não sen-

“A arte continua sendo um espaço onde lidamos com o que não sabemos nomear.”

te, mas reorganiza. Não inventa, mas mistura. Depende de como usamos e do que esperamos dela. Criatividade não está só no fazer, mas no gesto de dar forma a algo que, de alguma maneira, nos atravessa. E isso ainda nos pertence.

S.: Há casos em que a imagem sobrevive ao nome do artista. O que isso diz sobre o lugar da autoria na cultura visual contemporânea?

C.: Diz que a autoria pode se diluir com a própria força da imagem. Pense no Abaporu, na Mona Lisa, no Mapa Invertido da América. São obras conhecidas por gerações, mas seus autores nem sempre são lembrados. Isso vale para grafites urbanos, para instalações em espaços públicos. A circulação retira a imagem do con-

trole do artista e isso, em si, é uma transformação. O gesto segue potente, mas sua origem fica em suspenso.

S.: O público parece cada vez mais exposto a imagens que “se parecem” com arte. Isso afeta a forma como percebemos e valorizamos as obras?

C.: Afeta, sim. Com tantas imagens disponíveis, fica mais difícil perceber o que realmente propõe uma experiência significativa. A repetição e a semelhança nos anestesiaram. A curadoria, a crítica e a mediação cultural tornam-se ainda mais importantes nesse contexto. Não para impor um filtro, mas para provocar um olhar mais atento. A arte continua existindo, mas ela precisa ser percebida, não apenas consumida.

S.: Em sua opinião, o que permanece como essencial na arte, mesmo em tempos de máquinas criativas?

C.: A capacidade de nos dizer algo sobre o tempo que vivemos. De nos surpreender, nos inquietar, nos convocar. A arte continua sendo um espaço onde lidamos com o que não sabemos nomear. Pode vir do pincel, do código, do acaso, mas o que importa é se ela nos devolve algo que nos faça parar e sentir. Isso não mudou. E talvez nunca mude.

// Simone Wenkert Rothstein
 Membro associado da SBPRJ
simonewr@rotx.com.br



Uma mulher

Li “Uma mulher”, de Annie Ernaux, em uma viagem curta de avião. Fiquei tão concentrada e absorvida pela história que não percebi o tempo passar. Na viagem de volta, ainda impactada, reli o livro. Um livro curto nos permite esse prazer de ler tudo de uma vez só. Impressiona como, em poucas palavras, a autora possa dizer tanto.

Ela fala, no final do livro, que não é uma “biografia, nem um romance, evidentemente, talvez alguma coisa entre a literatura, a sociologia e a história”. Difícil traduzir do que se trata, assim como é complicado escrever sobre o que eu li e, ainda assim, queria muito poder compartilhar com as pessoas o que senti. É um relato tão visceral, que emociona, toca, passa a caminhar com a gente.

Annie escreve de uma forma muito particular sobre suas vivências e nos leva a ver e sentir, através dos seus olhos e pensamentos, o que ela experimentou. Conta-nos sobre a morte de sua mãe e a sua vida com ela e discorre sobre como chegou ao mundo. Ela oscila entre a mãe, com uma história que antecede mesmo ao seu nascimento; e uma mãe infantil, que só existe a partir dela, mas que é imortal ao mesmo tempo, e nos diz: “Para mim, minha mãe não teve história. Ela sempre esteve aqui”.

Para poder elaborar a dor da perda, ela escreve e nos desvenda a sua mãe em sua vida e dentro dela. A mãe não é maravilhosa, não é horrível também. Descreve-a como uma mulher violenta,

mas que lhe oferecia o melhor que podia; era rude, mas também “sempre disposta a aprender e admirar as coisas”. É uma mulher complexa e intensa.

Sempre pensei sobre a experiência da maternidade como algo que não se pode exprimir por palavras, talvez seria possível compreender através da poesia ou da música; não é necessariamente bom ou ruim, alegre ou triste, está muito além. No livro, conforme Annie vai discorrendo sobre sua mãe, nos remete ao lugar de ser filha e nos aproxima da vivência da maternidade.

Já no primeiro parágrafo, anuncia a morte da mãe e como a notícia chegou a ela: “Sua mãe se foi hoje cedo depois do café da manhã”. Partindo daí, nos leva a viver junto com ela o seu percurso para a elaboração do seu luto, nos permitindo sentir as alegrias, a admiração, a dor e a frustração que ela experimentou com sua mãe ainda viva e a falta que ela lhe faz na sua ausência.

Desvenda a mãe e a sua história com ela e também o percurso desta antes do seu nascimento. Vai buscando elaborar a sua perda, usando a escrita para ela própria poder entender o que sente e os seus encontros e desencontros, dividindo isso com os leitores, que compartilham da sua dor e também do quão viva a mãe segue dentro dela.

Ao relatar a história de sua mãe, da qual passa a fazer parte aos poucos, vai também nos levando a acompanhar o adocimento desta, o seu apagar lento e triste. Seguimos com ela também nos

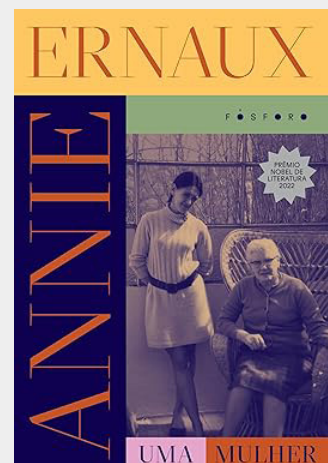
cuidados paliativos, o carinho, o pesar da sua presença ausente, os mínimos detalhes observados, talvez buscando apreender tudo, absorver o que ainda lhe restava da mãe.

Conforme escreve, de forma direta, simples e profunda, Annie leva o leitor à intimidade da relação com sua mãe; fala de vínculo, de ambivalência, de história de vida, da relação essencial entre as duas, da perda visceral e da dor da falta, mas também da possibilidade de elaboração do luto, podendo trazer a mãe presente dentro dela.

É um livro duro, profundo, imperdível.

// Marcela Ouro Preto

Psicanalista, membro efetivo com funções específicas e atual copresidente da SBPRJ.
marcelaopsantos@gmail.com



Uma mulher
Annie Ernaux
Fósforo, 2024
Tradução:
Marília Garcia